

PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA

**Marta Kirst
Marlene Gonçalves Mattes
PUCRS.**

INTRODUÇÃO

Sabe-se que acima de um bilhão de pessoas no mundo fala mais de uma língua fluentemente, o que comprova que nos dias atuais é inegável o interesse em aprender uma outra língua.

Ainda que não haja uma necessidade prática para o aprendizado de uma Língua Estrangeira (LE), expandir as habilidades mentais pode ser um motivo suficiente para se aprender uma segunda língua. Mas certamente esta não é a única razão que leva uma pessoa a procurar um curso de línguas estrangeiras. Tendo em vista esta questão, mais os vários aspectos metodológicos que envolvem a tarefa ensino-aprendizagem de uma LE, fomos em busca de uma bibliografia teórica e de material didático já publicado, a fim de procedermos à implantação do Curso de Português para Estrangeiros em nossa Universidade. Constatamos que a literatura sobre o ensino de línguas estrangeiras é vasta e diversificada, mas falha em trabalhos específicos sobre a Língua Portuguesa. É claro que a bibliografia a respeito de outras línguas, independente das adaptações possíveis, não tem condições de oferecer ao professor de Português para Estrangeiros a solução adequada para os problemas metodológicos inerentes ao processo ensino-aprendizagem do Português como LE. Assim sendo, justifica-se plenamente que o Português, como o Inglês, o Francês, o Alemão e o Espanhol, também tenha uma metodologia própria para o seu ensino como LE. O presente artigo pretende justamente tecer algumas considerações neste sentido.

METODOLOGIA DO ENSINO DE LINGUAS ESTRANGEIRAS

A primeira preocupação do professor que vai trabalhar com línguas estrangeiras é determinar os objetivos que norteia-

rão a sua tarefa. A este respeito, Slama-Cazacu (1979:109) denuncia que um aspecto muitas vezes negligenciado, mas que é significativo e deve ser levado em conta, «é o do fim que se propõe o aluno, ou que se tende, às vezes, a impor-lhe no EL».

Frans van Passel (1983:27) afirma que «O adulto sabe por que estuda esta ou aquela língua e sabe tão bem o que pretende, que chegará até mesmo a exigir, embora inconscientemente, que o professor atenda as suas necessidades pessoais e particulares.» Ressalta também que se constitui como fator de grande motivação para o aluno adulto a utilidade no campo profissional da aquisição de uma nova língua ou o aperfeiçoamento de uma língua já conhecida.

Entre as classes de objetivos para o ensino de línguas estrangeiras sugeridas por Wilga Rivers (1975:7-8) enfatizamos o que propõe «dotar o aluno de habilidades que lhe permitam comunicar-se oralmente e, até certo ponto, também na escrita, com os que falam outra língua e com os povos de outras nacionalidades que dominam esse idioma». Rivers aponta ainda alguns objetivos que sempre devem estar presentes numa aula de LE moderna, entre os quais consideramos de maior expressividade os seguintes: 1) ensinar os alunos a se comunicar numa LE; 2) desenvolver a compreensão do povo com quem desejamos nos comunicar (p. 9). É claro que é de suma importância despertar no aluno o interesse pela cultura da língua que ele está aprendendo.

Definidos os objetivos, parte-se para a escolha do método mais apropriado. Como o afirmou Palmer, «fins diferentes demandam métodos diferentes» (apud Slama-Cazacu, 1979:109), mas na realidade tal assertiva nem sempre se reflete no material didático de línguas estrangeiras à disposição dos professores.

Discutindo os métodos atuais do ensino de línguas, Slama-Cazacu (1979:99) enfatiza que «todo método de ensino de línguas deve ter uma justificativa teórica, deve ser baseado sobre argumentos lingüísticos, bem como psicológicos ou psicolingüísticos, ou pedagógicos e pragmáticos (vinculados ao fim para o qual se estuda uma certa língua).»

Dulay, Burt & Krashen (1982:263-269) apresentam alguns procedimentos para o ensino de LE, com base nos resultados obtidos a partir de pesquisas sobre a aquisição de segunda língua, entre os quais figuram os seguintes:

1º) maximizar a exposição do aluno à comunicação natural — o aprendiz voltado para a mensagem transmitida e não para a forma lingüística da mensagem;

2º) planejar técnicas específicas para relaxar os estudantes e proteger o ego de cada um — alunos à vontade aprendem mais facilmente, principalmente em relação aos adultos, muitos dos quais ficam ansiosos quando cometem erros na frente de seus colegas;

3º) criar uma atmosfera em que os estudantes não fiquem embaraçados pelos erros que cometem;

4º) usar expressões correntes e socialmente úteis nos diálogos;

5º) não fazer referência à língua materna do aluno durante o ensino da segunda língua.

Jack Richards, professor internacionalmente conhecido por sua atuação no campo do ensino de línguas e da Lingüística Aplicada, em entrevista à *Revista Interação*, afirma que nenhum método de ensino pode possuir todas as respostas para os nossos problemas em sala de aula.

Sugere, então, o desenvolvimento de uma metodologia através da análise de uma situação real onde observamos o que acontece em sala de aula. E para que um professor possa trabalhar um método adequadamente, diz ele que: «A primeira preocupação é apurar o que significa um ensino eficiente em termos de sala de aula: a capacidade que o professor deve ter de apresentar as tarefas com clareza, monitorá-las, obter feedback imediato e estruturar corretamente a utilização do tempo em sala de aula. O segundo passo é examinar o que os alunos bem sucedidos fazem quando lhes é dado algum tipo de tarefa para o aprendizado de uma língua e tentar identificar as estratégias destes alunos para depois ensiná-las» (p. 32).

Para o professor Richards, o sentido de ensinar é observar o aprendiz e centrar-se nele. Destaca também que sempre é preciso informar o aluno do objetivo da tarefa que vai realizar, qualquer que seja a habilidade em foco.

As colocações precedentes vêm reforçar a idéia de que o pleno êxito do processo ensino-aprendizagem de qualquer língua depende fundamentalmente do preparo que o professor recebe ou deveria receber para desempenhar esta tarefa, inclusive treinamento para o uso adequado dos recursos que vão

ser utilizados em classe, especialmente no caso de LE, o que em geral não acontece.

O MATERIAL DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Em levantamento do material didático de Língua Portuguesa para estrangeiros existente em Porto Alegre, verificamos que as obras encontradas carecem de um manual do professor que realmente exponha a metodologia adotada passo a passo, unidade por unidade. Por razões apresentadas em parágrafos anteriores, o manual do professor torna-se fator essencial para um ótimo aproveitamento do livro-texto escolhido pelo professor no desenvolvimento de suas aulas de Português como LE, e também pelo fato de o professor não receber um treino específico para o uso do material que pretende adotar, conforme mencionado anteriormente.

Analisando minuciosamente o programa proposto em cada obra, constatamos que não há uma linha mestra que identifique um *syllabus* específico para o ensino de Português para Estrangeiros (PPE). Além disso, a distribuição das unidades não revela os critérios de seleção dos conteúdos gramaticais privilegiados pelo(s) autor(es). Em primeiro lugar não se percebe uma gradação nítida das dificuldades, pois cada autor dispõe os conteúdos à sua maneira, enfatizando um ou outro item gramatical, sem que haja uma correspondência entre as diferentes obras. Em segundo lugar, percebemos uma ênfase geral quase que exagerada em relação ao estudo dos verbos. Sabemos que os verbos portugueses realmente oferecem grande dificuldade não só para o falante estrangeiro como também para o aprendiz nativo. Mesmo assim, a primazia do verbo não se justifica, pois a LE deve ser ensinada com o objetivo maior de servir como instrumento de comunicação e, para tal, as habilidades de falar, ouvir e escrever exigem uma dosagem adequada do referido aspecto gramatical.

Em relação à seleção de textos de alguns livros, julgamos que os temas abordados não levam em conta as diferentes faixas etárias dos aprendizes. Este aspecto é considerado pelos teóricos do ensino de línguas (cf. Strevens, 1966; Slama-Cazacu, 1979; Passel, 1983) como decisivo para o êxito do processo ensino-aprendizagem de LE, uma vez que a motivação do aluno pode ser prejudicada pela inadequação, às vezes infantilidade até, dos temas sugeridos. Da mesma forma, o professor Lynn M. Souza (PUC/SP¹) coloca que a maioria dos materiais de leitura em LE desconsidera o saber cultural do leitor, além de ignorar os fatores idade, escolaridade, profissão, sexo, nível sócio-econômico e background lingüístico do aluno em relação à língua que está aprendendo.

Em contrapartida, como aspecto positivo, salientamos o emprego do diálogo na introdução das unidades, com raras exceções, nas diferentes obras. Girard (1975:67) diz que «o diálogo, quando é bem construído, favorece consideravelmente a memorização das estruturas lingüísticas apresentadas em situação». E acrescenta que a pedagogia audiovisual desenvolve «as faculdades de percepção, de discriminação auditiva e de fonação tomando como ponto de partida de todas as aquisições o DIALOGO EM SITUAÇÃO» (p. 52).

Considerando-se a comunicação como meta primeira no ensino de línguas, o diálogo representa, sem dúvida, uma das técnicas mais eficientes para o aluno atingir fluência na LE. Aliás, percebemos que entre os autores mais recentes há uma preocupação acentuada em trabalhar a língua como veículo de comunicação. Já que, além dos diálogos, apresentam o uso das estruturas focalizadas em contexto. Todavia, do ponto de vista do método tal preocupação não recebe o destaque devido, pois nem todos os livros-textos são acompanhados de gravações em fitas as quais não somente permitiriam ao aprendiz ouvir o falante nativo em situação real de comunicação, como também se constituiriam em valioso recurso didático para o professor. A propósito, as referidas gravações deveriam trazer exercícios de pronúncia e de fixação de estruturas, além de textos, canções e diálogos, como é costume em fitas gravadas para o ensino de outras línguas. As fitas organizadas dessa forma auxiliam sobremaneira professor e aluno, tanto no trabalho desenvolvido em sala de aula quanto no laboratório de línguas.

Cabe ressaltar ainda a iniciativa e o esforço dos autores das obras analisadas, muitas das quais largamente utilizadas no exterior. Acreditamos que o problema por nós enfrentado, em termos de suporte teórico, certamente deve também ter acarretado a eles sérias dificuldades para a concretização do empreendimento que se propuseram realizar.

ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

No Primeiro Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada realizado na UNICAMP, de 31 de agosto a 04 de setembro de 1986, houve um painel sobre o Ensino de Português para Estrangeiros (EPE). Ficou evidenciada na ocasião a necessidade de um intercâmbio de experiência entre os profissionais da área, além da criação de um órgão que promovesse encontros e seminários para a divulgação de trabalhos e pesquisas relativos ao EPE.

No referido Congresso foi fundada, então, a Associação de Professores de Português para Estrangeiros (APPE?), com sede na Associação ALUMNI com a finalidade básica de:

- congregar profissionais da área;
- divulgar trabalhos individuais ou de instituições, através da publicação de Boletins;
- promover reuniões, encontros ou seminários sobre EPE.

É auspicioso saber que agora o professor de Português como LE já pode vislumbrar novas perspectivas para o desenvolvimento de seu trabalho. Espera-se que a APPE venha contribuir diretamente para o surgimento de uma literatura especializada que faculte ao professor de PPE a fundamentação teórica de que necessita, bem como possibilitar a criação imprescindível de uma metodologia específica para o ensino de Língua Portuguesa como LE.

CONCLUSÃO

Sem dúvida a Língua Portuguesa como LE é um assunto que merece mais reflexão por parte dos lingüistas, dos profissionais que atuam na área e também dos órgãos oficiais.

Com efeito, é tempo de professores e lingüistas unir esforços e partir urgentemente para a pesquisa, a divulgação de técnicas, estratégias e material didático elaborados com a estrita finalidade de ensinar a Língua Portuguesa a falantes estrangeiros. As vantagens desse trabalho conjunto beneficiarão não só os professores brasileiros e portugueses empenhados no ensino de PPE como também os colegas que atuam nos demais países, de forma isolada ou em instituições especiais.

NOTAS

1. Em Comunicação durante o Seminário sobre «As Ciências da Linguagem e a Formação do Leitor», realizado na PUCRS, de 22 a 24/08/85.
2. Al. Min. Rocha Azevedo, 413, São Paulo — SP.
CEP: 01410 — Tel. 881 — 8533

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. DULAY, Heidi; BURT, Marina & KRASHEN, Stephen. *Language Two*. New York, Oxford University Press, 1982.
02. GIRARD, Denis. *Lingüística Aplicada e Didática das Línguas*. 2. ed. Lisboa, Editorial Estampa, 1975.

03. LIMA, Emma Eberlein O. F. & IUNES, Samira A. *Falando... Lendo... Escrevendo... Português: um curso para Estrangeiros*. São Paulo, EPU, 1981.
04. LOMBELLO, Leonor C. & BALEEIRO, Marisa de A. *Português para falantes de Espanhol*. Campinas, UNICAMP/FUNCAMP/MEC, 1983.
05. MARCHAND, Mercedes. *Português para Estrangeiros*. Porto Alegre, Sulina, 1984.
06. MONTEIRO, Silvio. *Português básico para estrangeiros*. São Paulo, Ibrasa, 1980.
07. RAMALHETE, Raquel. *Tudo Bem: português do Brasil*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985.
08. RICHARDS, Jack. Ensinando além dos métodos. *Interação: a revista do Professor*. São Paulo, Difusão Nacional do Livro, Edit. e Imp. Ltda, 3 (24): 31-3, nov. dez. 1986.
09. RIVERS, Wilga M. *A Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras*. São Paulo, Pioneira, 1975.
10. RODRIGUES, Danielle M. G. & HENRIQUES, Eunice R. *Curso de Português para Estrangeiros*. Campinas, 1985. Datilografado.
11. SLAMA-CAZACU, Tatiana. *Psicolingüística Aplicada ao Ensino de Línguas*. São Paulo, Pioneira, 1979.
12. SOUZA, Lynn Mário T. Menezes de. O horizonte sócio-cultural da leitura em Língua Estrangeira: algumas reflexões. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 19 (1): 23-30, 1986.
13. STREVEN, Peter. *Papers in Language & Language Teaching*. London, Oxford University Press, 1965.
14. VAN PASSEL, Frans. *Ensino de Línguas para Adultos*. São Paulo, Pioneira, 1983.